

# O RELATO DA INCLUSÃO DE UM ALUNO AUTISTA: DA PRÁTICA PEDAGÓGICA À PRODUÇÃO DE UM LIVRO COM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Isnary Aparecida Araujo da Silva.<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho relata a experiência de inclusão ocorrida entre os anos de 2015 e 2016, em uma escola Municipal na cidade de Campinas entre alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. A entrada de um aluno autista nessa turma despertou interesses e necessidades até então desconhecidas para o grupo. Assim, através da busca de informações sobre autismo, inclusão, modo de estabelecimento das relações no cotidiano e a construção do vínculo afetivo, professores e alunos puderam perceber que, apesar das diferenças, das singularidades que os tornavam únicos, a convivência propiciava aprendizado a todos. Tal movimento foi registrado na forma de um livro produzido no contexto escolar, organizado a partir de textos produzidos pelos alunos trazendo a percepção deles sobre o que significa conviver com um colega de classe autista, com as suas características e diferenças. O objetivo desse trabalho é demonstrar através de uma prática diferenciada a percepção dos alunos da turma sobre esse movimento de inclusão que foi estabelecido nas relações entre os professores e alunos. Assim, trazemos o relato da construção desse livro bem como uma breve análise das produções dos alunos. Com esse relato, pretendemos contribuir com a compreensão da inclusão no contexto escolar, mais precisamente, nas relações estabelecidas no cotidiano da sala de aula, a partir da percepção de alunos que têm sido protagonistas nesse processo.

**PALAVRAS CHAVE:** Autismo, Inclusão, Ensino, Educação:

---

1. Instituição: Prefeitura Municipal de Campinas. Cargo: Professora Anos Iniciais.

## **Introdução:**

O tema inclusão teve uma grande ascensão nos últimos anos tanto no cenário político quanto no cenário educacional. Criou-se leis para que se pudesse garantir direitos a todos os cidadãos, incluindo-se o direito à educação. Em se tratando de crianças autistas, existe uma lei específica, que, inclusive, leva o nome de uma mãe que lutou pela causa de seu filho (Berenice Piana, Lei 12.764 de dezembro de 2012). Essa lei aprovada em 2012 garantiu aos portadores da Síndrome do Espectro Autista benefícios como a inserção social, atendimento multiprofissional e caso a criança esteja matriculada no ensino regular o acompanhamento especializado quando necessário.

Foi através do direito à vaga em uma escola regular que em 2015 conheci L., na época com nove anos. Eu estava iniciando o trabalho com crianças do 3º ano na Escola Municipal Ângela Cury Zakia na cidade de Campinas.

L. vinha de um colégio particular. Posteriormente soubemos pelos pais dele dos problemas no processo de aprendizagem e inserção no convívio escolar e que o mesmo já não se desenvolvia naquela escola e por isso a mudança. Em sua chegada à escola pública, houve um processo de adaptação onde o tempo de permanência do aluno na escola foi sendo ampliado gradativamente. Na percepção dos demais alunos na classe, havia algo de diferente no aluno “L” e no modo que ele era atendido. Alguns queriam saber o motivo pelo qual “L” não ficava na escola por todo o período. Outros diziam conhecê-lo da época da educação infantil e questionavam por que ele não falava.

Então, como professora da turma, resolvi preparar algumas aulas usando recursos multimídias a fim de tentar explicar um pouco sobre o universo do autismo. A partir desse processo fui percebendo que as angústias foram dando lugar ao entendimento e, posteriormente à aceitação das diferenças e à construção de um vínculo afetivo. Com isso, apesar das singularidades, que os tornavam únicos, a convivência propiciava que todos aprendessem ( **VIGOTSKI,2009**).

Recordo-me que no início desse ano as crianças apresentaram para a sala um estudo que estavam realizando sobre o sistema solar. Para integrar o aluno “L.” ao tema, além de incluí-lo nas apresentações, trouxe um globo terrestre para ele manusear no decorrer das aulas. Este foi usado como ponto de partida para a conversa com ele sobre o assunto. Sua mãe relatou alguns dias depois, que em casa ele ficava bastante tempo com uma bolinha na mão que tinha a representação do planeta Terra.

Em 2016, decidi continuar com a mesma turma tendo em vista o vínculo estabelecido com eles e também devido à necessidade de uma continuidade no trabalho. Já no 4º ano, mesmo com uma turma mais avançada no processo de letramento, com “L.” dei início às atividades mais sistematizadas, com o objetivo de desenvolver suas habilidades de leitura e escrita fazendo uso de jogos pedagógicos.

Organizava a rotina de trabalho da sala de aula para que enquanto a maior parte da turma trabalhasse de modo autônomo, eu desenvolvesse atividades com o L.. Isto porque ele não tem uma professora mediadora, ele tem somente uma cuidadora. O papel dela é observá-lo, cuidá-lo para que ele não se machuque, se alimente e faça a higiene adequada; ou seja não tem o caráter pedagógico.



**Figura 1: Jogo voltado à alfabetização**

Com o fortalecimento dos vínculos e das relações estabelecidas, bem como com o avanço nas atividades de letramento, comecei a pensar em uma forma de registrar esse processo. Assim seria uma forma de valorizar as conquistas de “L” e de seus colegas de classe no aprendizado sobre aceitação e respeito às diferenças presentes no convívio em sala de aula e também uma possibilidade de partilhar a experiência vivida para além dos muros escolares.

### **Metodologia:**

A Prefeitura Municipal de Campinas envia trimestralmente uma verba para suas escolas, que tem por objetivo auxiliar na manutenção das mesmas e favorecer o

desenvolvimento do trabalho pedagógico. Dentro desse orçamento da escola existem algumas restrições ao seu uso. Um exemplo dessa restrição diz respeito ao uso para a compra produtos alimentício. Um benefício dessa verba está relacionado à compra de livros para as crianças.

Aproveitando essa oportunidade de investimento em livros, e partindo da ideia de construção de livros realizadas por uma outra professora da escola, optei por realizar um projeto onde o meu trabalho pedagógico tivesse como produto final um livro.

Após apresentar a ideia ao diretor da escola e o mesmo sugerir que o tema fosse o olhar das crianças para o colega autista, levei a proposta para os alunos que foram bastante receptivos. Entretanto, foi necessário dar alguns instrumentos para que as crianças pudessem escrever suas narrativas. Retomei o que já havíamos conversado e estudado sobre autismo. Em seguida elaborei questões para que eles pensassem o preconceito, a inclusão, a diferença que o outro possui; tendo em vista que a temática seria abstrata para que eles escrevessem sozinhos.

O processo de criação do livro foi único. Isto porque as crianças são as autoras, participaram ativamente de todo o processo, sendo consultadas constantemente. Elas escreveram os textos à mão, fizeram a revisão, produziram a capa e escolheram o título através de uma votação. Para encerrar esse projeto na escola, mas não em casa e nem na sociedade tivemos o dia do lançamento do livro, onde os livros foram autografados e cada criança levou um exemplar para casa. É importante salientar que como o mesmo foi custeado com verba pública, não foi disponibilizado para venda.

Cada criança na construção de seu texto de modo único, com uma escrita simples e direta mostrou à beleza, a dureza, a importância de um trabalho de inclusão. Elas, em suas narrativas apontaram que o único caminho a ser traçado quando falamos em ser humano, é o AMOR, o RESPEITO. Suas escritas refletiram o quanto podemos aprender com as crianças sobre compreender e aceitar as diferenças, da forma intuitiva, honesta e aberta que elas se colocaram diante da situação. Elas conseguiram abordar de um modo espetacular e simples o autismo, a inclusão, mostra que no dia-a-dia de uma sala de aula existem dificuldades, mas também há possibilidades de trabalho.

Algumas narrativas apontaram a diferença entre o desconhecimento e o conhecimento e o quanto isso transforma, (re) significa a relação entre os pares:

*“Quando ouvi falar sobre autismo achei que era ruim ter, mas agora eu sei que não é”. (Maria; SILVA,2016, p.26)*

*“Eu conheci “L.” no 3º ano eu achei ele diferente, depois eu fui convivendo com ele e me acostumei”. (Arthur; SILVA,2016, p.30).*

Outras crianças apontam a necessidade da mudança não no autista e sim no preconceito:

*“Acho que as pessoas poderiam mudar o seu pensamento a respeito do autista, como por exemplo, se esforçar para eles lerem, escreverem e falarem e com o “L” está dando certo. (Isadora; SILVA,2016, p.42).*

*“Eu acho que as pessoas deveriam mudar de atitude em relação ao autismo, elas deveriam tratar eles com mais paciência, afinal eles são um pouco mais difíceis de entender”. (Ana Julia; SILVA,2016, p.38).*

Para desenvolver a escrita de “L”. tive uma conversa sobre o que todos estavam fazendo e então pensamos e escrevemos juntos palavras significativas sobre o assunto.

Esse foi somente o começo de uma longa jornada... Com os textos prontos revisei cada um, de modo a lapidar o máximo a ortografia sem mexer na essência de um texto infantil. Nesse momento pude ver o quanto eles observaram o meu trabalho e a minha relação com o L.

Em seguida as crianças leram e passaram os mesmos a limpo para que eu pudesse digitar. Depois foi tirada uma foto de cada aluno com o “L.” em um local da escola escolhido pelo aluno pensando na importância que esse local tinha para “L”. Esse momento foi importantíssimo e de grande significação para todo o processo de elaboração do livro porque suscitou memórias e provocou maior aproximação entre os alunos e “L”. Ele foi a todos os locais da escola com seus colegas de classe, e sorriu para a maioria das fotos, pois sabia que era para o “seu” livro.

Organizei todo o material em formato de livro e enviei para editora. Enquanto isso, a turma toda pensou em possibilidades de títulos para ser escolhido em uma votação. Após dois meses chegamos a reta final do trabalho faltando somente a capa para ser entregue a editora. Esta seria uma foto de todos os alunos, mas nunca era possível porque sempre faltava alguém.

Foi então que resolvi utilizar tinta guache. Cada criança desenhou algo que gostava de fazer com o “L”. Ele pintou suas mãos e fez uma arte abstrata, as duas foram usadas na capa do livro.



Figura 2 Mãos de L. usadas para a capa.

Depois de um mês o livro foi entregue. A escola comprou 50 exemplares dos quais 22 foram distribuídos aos alunos e o restante foi dado a Secretaria de Educação do Município para que essa repassasse para as outras escolas.

Realizamos um sábado aberto à comunidade, onde as crianças juntamente com seus familiares puderam mostrar seu trabalho e autografar os livros dos colegas.



Figura 3 Lançamento livro. Comunidade e alunos.



Figura 4: L. autografando o livro.

### Conclusão:

Esse dia foi o encerramento oficial do projeto na escola, mas o mesmo não se encerrou na vida dessas crianças pois as ideias apresentadas em seus textos ecoam no dia-a-dia.



Isto porque agora em 2017, continuo com o trabalho com essa turma e posso ver a prática dessas crianças. Recebemos um novo caso de inclusão, agora uma menina com deficiência intelectual e baixa visual, e diariamente para além dos discursos de seus textos, elas são desafiadas a desenvolver atitudes colaborativas para com o outro.

A ideia de inclusão trazida pelos alunos também se dissemina na comunidade. Já que as próprias crianças fazem relatos que familiares e conhecidos quiseram ler o livro, acharam o mesmo interessante dada à idade deles e se emocionaram com as narrativas.

Acredito que o sistema público de educação brasileiro ainda está no início de seu processo de aprendizagem sobre a inclusão, especialmente, a inclusão dos alunos portadores da Síndrome do Espectro Autista. O modo de aprender tão peculiar, suas crises, seu modo de pensar, suas manias, suas emoções são coisas que muito pouco sabemos. Assim o ensino ainda não é igualitário, inclusivo e capaz de ensinar crianças com habilidades tão diferentes. Mas, a ideia desse livro, foi mostrar que há possibilidades, que podemos ir além. Para isso é necessário o desejo, o querer e acima de tudo a crença no outro e na sua capacidade.

### **Referências:**

**VIGOTSKI L.S.** *A formação social da mente*. Martins Fontes. São Paulo, 2009

**BRASIL.** Lei N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. 2012.

**CUNHA, Eugênio.** *Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

**SANT'ANA, Wallace Pereira; SANTOS, Cristiane da Silva.** A Lei Berenice Piana e o Direito à Educação dos Indivíduos com Transtorno do Espectro Autista No Brasil. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 15, n. 02, p. 99-114 de 207, jul./dez., 2015.

Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em 24/05/17

**SILVA, Isnary Aparecida Araujo (org).** *Nossa vida com atitudes, a favor das diferenças.* São Carlos: Pedro e João editores, 2016.